



revista científica

LINKSCIENCEPLACE
interdisciplinar

Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-8411
Nº 1, volume 1, artigo nº 5, Julho/Setembro 2014
D.O.I: 10.17115/2358-8411/v1n1a5

UMA ABORDAGEM DOS VOCÁBULOS “ASSIM”, “TIPO” E “TIPO ASSIM” E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Karine Lôbo Castelano¹

Doutoranda em Cognição e Linguagem

Eliana Crispim França Luquetti²

Doutora em Linguística

Resumo

Este estudo teve como objetivo geral analisar de que modo os vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” são abordados na fala de alunos da rede pública da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Buscamos verificar os usos/funções e a frequência dos vocábulos em estudo em textos orais de 30 alunos da Educação Básica. Observamos que os vocábulos “assim” e “tipo” exerceram, na maioria dos casos, todas as funções categorizadas. Porém, o “tipo assim” teve apenas a função de preenchedor de pausa.

Palavras-chave: funcionalismo, ensino, marcadores conversacionais.

Abstract

This study aimed to examine how the words “assim”, “tipo” and “tipo assim” are discussed in the speech of public school students in the city of Campos dos Goytacazes/ RJ. We seek to verify as well as the uses/ functions and the frequency of words in oral texts studied in 30 students of Basic Education. We observed that the words “assim” and “tipo” exercised, in most cases, all functions categorized. But the “tipo assim” had only the function of filler pause.

Keywords: functionalism, teaching, conversational markers.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes /RJ, elinaff@gmail.com

² Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes/RJ, kcastelano@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar de que modo os vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” são utilizados na fala de alunos da rede pública da cidade de Campos dos Goytacazes, tendo como base o *corpus* “A língua falada e escrita da região norte-noroeste fluminense” (LUQUETTI, 2012). Partimos da hipótese de que, apesar de as gramáticas de orientação tradicional e descritiva não contemplarem todos os usos/funções dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim”, estes assumem diferentes funções, de acordo com a realidade dos falantes, modificando a maneira como os indivíduos interagem.

Além desta introdução, o trabalho possui mais três partes principais. Na primeira parte, apresentaremos os aspectos teóricos da Linguística Funcional, bem como os usos/funções dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” de acordo com pesquisas que tiveram como parâmetro essa vertente teórica.

Na segunda e terceira partes, o trabalho focaliza a metodologia que norteou a análise dos dados, bem como a descrição do *corpus* “A língua falada e escrita da região norte-noroeste fluminense” (LUQUETTI, 2012). Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 Paradigmas funcionalistas da linguagem: gramaticalização e discursivização dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim”

Para Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 29), “[...] ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso”. Tendo isso em vista, o Funcionalismo analisa a estrutura gramatical considerando a capacidade que os indivíduos têm de interpretar expressões de maneira satisfatória durante a fala; não apenas de codificar e decodificar, como defende a gramática tradicional.

A partir dos diferentes usos da língua, com o passar dos anos, sua estrutura vai se sistematizando. Essas ações resultam em conceitos relativos à teoria funcionalista, a saber: iconicidade e marcação; transitividade; figura e fundo; prototipicidade; informatividade; gramaticalização; e discursivização (FURTADO

DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003). Porém, neste estudo, trabalharemos apenas com os conceitos de gramaticalização e discursivização.

Tendo em vista a ocorrência de elementos que tendem a desempenhar funções diferentes em relação à língua falada e à língua escrita – como, por exemplo, “né”, “tá?” e “então” –, Martelotta (2004) faz uma distinção entre esses dois processos de mudança linguística. O primeiro refere-se à gramaticalização, definida pelo autor como um processo que “[...] leva o item lexical a funcionar como operador argumentativo, assumindo funções referentes à organização interna do texto” (p. 83). Nas palavras de Gonçalves et al. (2007, p. 160), “[...] o termo gramaticalização associa-se a palavras como transformação, evolução e processo”.

Martelotta et al. (1996) e Luquetti e Castelano (2012) afirmam que o processo de gramaticalização ocorre quando itens lexicais e construções sintáticas passam a desempenhar funções referentes à estratégia comunicativa. A principal característica desse processo é a unidirecionalidade, pois esses elementos assumem funções gramaticais em determinados contextos e, uma vez gramaticalizados, dão continuidade ao processo, desenvolvendo outras funções gramaticais. Segundo Neves (1997, p. 117), “[...] ver a língua em seu funcionamento implica vê-la a serviço das necessidades dos usuários, e a partir daí, em constante adaptação”. Corroborando essas ideias, Gonçalves et al. (2007, p. 15) afirmam que “[...] não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”.

Já a discursivização, segundo Martelotta et al. (1996) e Luquetti e Castelano (2012), é um processo pelo qual um elemento não tem mais relação com as normas gramaticais, e sim com o discurso. Dessa forma, os itens lexicais que sofrem discursivização passam a se denominar marcadores discursivos ou conversacionais, “[...] modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher os vazios ou interrupções [...]” (MARTELOTTA, 2004, p. 83).

Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 49) propõem que, “No quadro da linguística funcional, a *gramaticalização* e a *discursivização* são fenômenos associados aos processos de regularização do uso da língua. Ou seja, relacionam-se à variação e à mudança linguística”. Sendo assim, os itens lexicais que passam por esses processos funcionam como prática social no dia a dia dos

brasileiros, pois são utilizados para diversos fins, inclusive explicitar conceitos difíceis de serem expressos em poucas palavras.

2.1 Funções dos vocábulos “assim” e “tipo”

Martellota et al. (1996) destacam que o vocábulo “assim” tem seus usos marcados tanto pelo processo de gramaticalização, por assumir novas funções gramaticais como anafórico e catafórico, quanto pelo de discursivização, por assumir função de preenchedor de pausa. Martelotta et al. (1996) e Silva e Macedo (1996) propõem que o vocábulo “assim” assume uma função de preenchedor de pausa, decorrente do seu uso catafórico, pois faz referência a um vocábulo que ainda irá aparecer no texto e dá tempo para a organização do pensamento no momento da fala. O “tipo”, por sua vez, é caracterizado como um vocábulo já gramatical que assume funções mais gramaticais ainda, não sendo reconhecidos em suas diferenças pelos falantes (GONÇALVES et al., 2007). Para Luquetti e Castelano (2012), tanto o “assim” quanto o “tipo” podem especializar-se em funções de cunho gramatical e discursivo.

Gonçalves et al. (2007) acreditam que uso do vocábulo “tipo” está ligado a uma questão de atitude linguística. Dessa forma, se as pessoas ficam mais próximas umas das outras, logo, certos usos linguísticos são motivados por essa aproximação e incorporados. Os autores observaram os empregos desse vocábulo na fala de pessoas mais jovens ligadas a esportes radicais e de professores de adolescentes.

Para Bagno (2011, p. 848), o “tipo” é empregado por falantes nascidos a partir da década de 1980, mas “[...] é repellido e até condenado pelos falantes mais velhos, que, no entanto, usam o ‘assim’ (e também o ‘aí’ e o ‘então’) com a mesma intensidade com que seus filhos e netos usam o ‘tipo’”. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pelo autor no *corpus* do Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC-Brasil), é possível observar o processo de gramaticalização do “tipo” e, com isso, fica claro o indício de parentesco entre os vocábulos “assim” e “tipo” quando esses dois advérbios são falados em sequência.

Os vocábulos “assim” e “tipo” também podem ter a função modalizadora. Neves (2006, p. 154) revela que os modalizadores “[...] são usados na interação verbal, em princípio, para exprimir o ponto de vista do enunciador”; ou seja, revelam uma possível intenção do falante ao ouvinte. Ainda de acordo com a autora, é

importante que se leve em consideração o contexto para que se faça uma análise linguística das modalizações. O uso dos modalizadores num enunciado sugere uma escolha linguística por parte do falante, não de forma aleatória, mas como um recurso argumentativo, cuja finalidade é propriamente discursiva (MARTELOTTA et al., 1996).

Conforme Neves (1996 citado por NEVES, 2006), há uma série de maneiras pelas quais a modalidade pode ser expressa: a) Por um advérbio; b) Por um adjetivo de caráter predicativo; c) Por um substantivo; d) Pelas próprias classes gramaticais do verbo da predicação; e e) Por um verbo modal ou de significação plena. Para esta pesquisa, foi mais significativa a observação da primeira e da terceira categoria. Tanto a classe dos advérbios quanto a dos substantivos é marcada por um extenso número de elementos e se adaptam às intenções comunicativas do discurso, por isso, é importante observar que a modalidade tem a função de expressar valores, atitudes e emoções do falante.

De acordo com os estudos de Martelotta et al. (1996), esse caminho caracteriza o processo de discursivização, pois, ao perder sua carga semântica, o vocábulo passa a desempenhar funções de caráter discursivo, voltadas, principalmente, para a (re)organização da fala decorrente do fato de que essa modalidade é marcada pelo imprevisto.

2.2 Funções da expressão “tipo assim”

Foram encontradas poucas pesquisas baseadas na Linguística Funcional que exemplificam e categorizam esta expressão.

Segundo Risso et al. (2006), entre os exemplos mais comuns de preenchedores de pausa estão vocábulos como: “agora”, “então”, “depois”, “ai”, “mas”, “bem”, “bom”, “enfim”, “quer dizer”, “por exemplo”, “assim”, “tipo assim”, entre outras. Segundo a autora, essas palavras e locuções são faladas no decorrer do discurso e orientam os falantes no que diz respeito ao assunto, dando sequencialidade à fala.

Em contraponto, Lima-Hernandes (2011, p. 75) revela que o vocábulo “tipo assim” (e também o “tipo”), “[...] estabelece conexão entre orações, combinado ou não a outros elementos conectivos”.

Bittencourt (2012) acrescenta ainda que os diversos significados e funções que o vocábulo “tipo assim” vem assumindo na fala dos adolescentes remete a um processo integrado com a gramaticalização, que é o da discursivização, passando a assumir a função de preenchedor de pausa.

3 METODOLOGIA

Na presente pesquisa, fizemos uma análise dos usos/funções dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” na fala da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Para tanto, utilizamos o *corpus* “A língua falada e escrita da região norte-noroeste fluminense” (em elaboração), que se constitui de um banco de dados com textos orais e escritos, produzidos, até o momento, por 106 informantes, sendo 51 da região noroeste fluminense e 55 da região norte. A escolha do *corpus* se deu pelo fato de conterem textos produzidos em situações reais de fala de habitantes de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, e local onde esta pesquisa foi realizada. Todos os informantes foram estratificados de acordo com as variáveis sociais sexo, idade (10 a 20 e acima de 23 anos) e escolaridade (Educação de Jovens e Adultos – EJA, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino Superior completo e incompleto).

Para atingir os objetivos deste estudo, optamos por analisar apenas textos de alunos da cidade de Campos dos Goytacazes (região norte fluminense), independente destes utilizarem ou não os vocábulos em estudo, totalizando uma amostra de 30 informantes. As entrevistas foram feitas no período de junho a dezembro de 2011.

Do universo de textos do *corpus* selecionado, analisamos apenas os textos orais pelo fato de dois dos vocábulos em estudo não terem nenhuma ocorrência na modalidade escrita. Todavia, são frequentes nos textos orais, com 17 ocorrências do vocábulo “tipo” e 28 do vocábulo “tipo assim”.

Na análise dos dados sob uma perspectiva funcional, verificamos os usos/funções e a frequência dos vocábulos em estudo com seus respectivos exemplos prototípicos, a saber: anafórico, catafórico, modalizador e preenchedor de pausa. Levamos em consideração o contexto da realização desses vocábulos, seu comportamento sintático, bem como sua noção semântica no contexto.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 O processo de gramaticalização

Gramaticalização consiste em um processo de mudança semântica que leva itens lexicais e construções a assumirem progressivamente funções de caráter gramatical. No caso dos vocábulos “assim” e “tipo”, tem-se uma trajetória comum a esses elementos: *dêitico*³ > *operador argumentativo*. Acreditamos que são consequentes basicamente dos usos metatextuais (proveniente de dêiticos) os seus usos mais gramaticalizados (LUQUETTI; CASTELANO, 2012).

Como todo elemento dêitico, os elementos em estudo passam a assumir uma função metatextual, na medida em que fazem alusão a dados do texto já mencionados (anáfora) ou por mencionar (catáfora). Partimos, com Heine *et alii* (1991, p. 179), da hipótese de que os usos anafórico e catafórico são consequentes de uma metáfora *espaço* > *discurso*, que constitui uma espécie de primeiro passo na direção de funções de caráter ainda mais gramaticalizados. Esse uso metatextual, que já ocorria no português arcaico, como se pode constatar em Martelotta et al. (1996), chegou até os dias de hoje.

4.1.1 Usos provenientes de anafóricos

Quando um elemento faz referência a um vocábulo previamente explicitado no texto, seu uso é categorizado como anafórico e evidencia o início do processo de gramaticalização. Nos segmentos abaixo há exemplos em negrito desse uso:

(1) I: aí a gente::... fica brincando lá... eu e meus amigos... leva dinheiro a beça... meu pai dá... leva a gente... daí agente vai lá e joga... fica jogando... fica brincando... depois a gente vai embora... aí é **assim**... (Descrição de local, masculino, informante 01, Yuri, 11 anos, 5º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

³ De acordo com Martins (2008, p. 84), “A maioria dos linguistas e filósofos da linguagem, de fato, considera os dêiticos como os elementos da língua que, diferentemente dos outros signos linguísticos, remetem à situação enunciativa construída em torno do emissor”. (MARTINS, Iara F. Melo. **Mapeamento das multifunções do assim**: dos dêiticos discursivos aos marcadores do discurso em contextos orais paraibanos. 2008. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, UFPB, 2008).

(2) I: (...) então... eu tive que entrá numa... numa guerra... praticamente... uma guerra de família... e com isso... algumas pessoas me julgaram... brigona... que eu sô isso e aquilo... e eu não gosto desse **tipo** de palavra... então... as pessoas fala as coisa... e machucam a gente::... tendeu? então::... é isso... (Narrativa de experiência recontada, informante 26, Maria Luzia, feminino, 52 anos, EJA – 9º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

No exemplo (1), ao usar o “assim” a informante se referiu à descrição que foi feita anteriormente (no caso, da ida a um salão de jogos de um *shopping*). Já em (2), tem-se o “tipo” anafórico, pois faz alusão ao vocábulo “brigona”, mencionado anteriormente.

Alguns usos do vocábulo “assim” são provenientes de seu valor anafórico, como são os casos de “assim” temporal.

(3) I: vai pedí o seu nome... aí você bota... aí embaixo vai pedí sua senha e o seu *email*... **assim que** você botá seu *email* você aperta “cadastre-se” (...) aí você bota a sua senha e sua data de nascimentu... vai tá feito.... aí pa cê achar seus amigo vai tá lá pra cê botá o *MSN*, *Gmail*... e pesquisar eles::... você clica em cima de quem você qué no *face* e aperta enviá... (Relato de procedimento, Ismael, masculino, 13 anos, 6º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

Em (3), tem-se um exemplo do “assim” com valor temporal, ao mesmo tempo que faz referência às informações já mencionadas. Nesse caso, a expressão “assim que” indica uma cláusula subordinada que expressa uma noção temporal de proximidade imediata em relação à principal (MARTELOTTA et al., 1996).

Como vimos, os vocábulos “assim” e “tipo” com valor anafórico, em contextos específicos, podem fazer dos dados anteriormente mencionados a causa do que vai ser dito em seguida.

4.1.2 Usos provenientes de catafóricos

Quando o operador argumentativo faz referência a um item que ainda irá aparecer no texto, trata-se de uma catáfora. No segmento abaixo, há dois exemplos do vocábulo “assim” com a função de introduzir um novo turno de relato de discurso:

(4) I: bom... tem uma amiga minha que foi assaltada... numa pracinha... ela tava indo/saindo da faculdade dela... aí veio um garoto de douze anos... pa assaltá-la... gritou **assim**... “é um assalto”... com u caniveti... nisso... ela falou **assim**... “mininu... cê tá doido... que susto... sai daqui”... e ele saiu... dando risada da cara dela... porque... ela levou susto com ele... (Narrativa de experiência recontada, informante 14, Raquel, feminino, 18 anos, 3º ano do Ensino Médio, Campos dos Goytacazes/RJ).

No exemplo (4), os dois casos do “assim” têm valor catafórico, pois aludem ao que vai ser dito posteriormente pela informante, em ordem direta.

Como já foi mencionado, os usos gramaticalizados possuem origem metatextual. Um dos usos provenientes do valor catafórico de “assim” e “tipo” pode ser encontrado em ocorrências desses vocábulos em contextos comparativos. A seguir temos um exemplo do “tipo” sendo utilizado a fim de fazer uma comparação:

(5) I: (...) então... eu acho... que:... eu faço isso muito bem... fazer as veze firme... dependendo de uma música... às veze... ocê tem que fazer uma coisa assim mais clássica... **tipo** um ballet... alguma coisa assim... mais suave... (...) (Relato de procedimento, informante 13, Estefany, feminino, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio, Campos dos Goytacazes/RJ).

No exemplo acima, o vocábulo “tipo” parece indicar insegurança do falante em relação à expressão adequada de seus pensamentos. Esse é o contexto que gera, por gramaticalização, a construção comparativa.

4.2 O processo de discursivização

Estamos chamando de discursivização o processo de mudança semântica que leva determinados elementos lexicais a assumirem funções voltadas predominantemente para o processamento do discurso. Neste caso, tem-se uma trajetória comum a esses vocábulos: *dêítico* > (*metatextual*) > *marcador discursivo* (LUQUETTI; CASTELANO, 2012).

Os marcadores “assim”, “tipo” e “tipo assim”, como ocorre com os marcadores discursivos em geral, assumem a função básica de viabilizar o discurso no ato improvisado da comunicação falada (MARTELOTTA et al, 1996; LUQUETTI; CASTELANO, 2012; BITTENCOURT, 2012). Por meio deles, o falante marca para o ouvinte: a omissão de informações transmitidas, a insegurança ou não comprometimento do falante em relação às informações transmitidas, as pós-reflexões e reformulações consequentes do imprevisto da fala, a permanência do turno da fala, com o preenchimento das pausas consequentes dessas reformulações, entre outros.

4.2.1 Modalizadores

O vocábulo “assim” também pode ser usado para marcar insegurança ou não comprometimento do falante em relação à precisão ou à veracidade das informações:

(6) I: (...) eu acho... que::... eu faço isso muito bem... fazer as veze firme... dependendo de uma música... às veze... ocê tem que fazer uma coisa **assim** mais clássica... tipo um *ballet*... alguma coisa **assim**... mais suave... (...) (Relato de procedimento, informante 13, Estefany, feminino, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio, Campos dos Goytacazes/RJ).

O “assim”, no exemplo (6), indica uma posição de incerteza em relação ao que será dito em seguida, como fica claro no exemplo (7), em que há a presença do verbo achar.

(7) I: (...) eu sabia que eu iam me tratá mau... que eu pensava isso em mente... pelo fato de meu pai ter me deixado... então achava **assim**... que eles teria a mesma revolta... e totalmente ao contrário... entendeu?... (...) (Narrativa de experiência pessoal, informante 28, Viviane, feminino, 34 anos, EJA – 9º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

Por meio de sua natureza discursiva, o marcador “assim”, como no caso abaixo, passa a ficar mais ligado a restrições de caráter pragmático do que de caráter gramatical, como podemos ver a seguir:

(8) I: mais ou menos... o sim é porque eu nasci aqui... tô acostumada daqui né?... i também tem algumas coisa boa aqui::... num é que eu não goste... eu gosto... mais/mas ou menos... i::... i eu não gosto também pur caso da prefeita né?... por que... ela::... ela é::... **assim**... ela roba muito... ela::... é::... **assim**... ela roba muito... ela roba::... num vou dizer que não... e ela roba sim... i::... ela também divia fazê mais coisa aqui né?... (...) (Relato de opinião, informante 12, Ana Carla, feminino, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, Campos dos Goytacazes/RJ).

A informante parece ficar insegura quanto a dizer sua opinião a respeito dos atos ilícitos cometidos pela prefeita e o “assim” reflete essa insegurança.

Foram encontrados, no *corpus* selecionado, exemplos do “tipo” modalizador expressando um cuidado maior por parte do falante em relação à escolha da palavra mais adequada:

(9) I: bom... foi um::... muito engraçado... () um amigo meu que... encontrei/conheci no ano passado... esse Assis que... veio do Piauí... ele veio estudar aqui no João Pessoa aí::... peguei amizade com ele... e/tão eu reparei que... ele tem **tipo** uma falha no dente... assim que::... maior um pouco... aí::... ((risos)) eu () **tipo** curiosidade... í eu fui lá::... perguntei o que::... o que houve... aí ele foi contá... que ele perdeu o dente num... ele foi num bingo com os amigo dele lá no Piauí... que... aí tá num... era um bingo de uma cabra... ou um negócio assim... (...) (Narrativa de experiência recontada, informante 11, Jonas, masculino, 18 anos, 1º ano do Ensino Médio, Campos dos Goytacazes/RJ).

O informante, talvez com receio de falar que seu amigo tem uma falha no dente, prefere usar a expressão “tipo uma falha no dente”, ou seja, não chega a ser uma falha em si, mas um “detalhe” mais discreto. No segundo exemplo do trecho acima, temos o “tipo” modalizando uma palavra tida como pejorativa (curiosidade), para não afirmar para o entrevistador um fato tão desagradável a respeito dele mesmo.

Com essas funções modalizadoras, os vocábulos “assim” e “tipo” perdem suas características referenciais para assumir funções de caráter discursivo, caminhando para o processo da discursivização. A partir do momento em que esses vocábulos perdem seu valor semântico e podem ser retirados sem fazer falta ao discurso (BAGNO, 2011), passam a “[...] desempenhar funções de caráter discursivo, voltadas, principalmente, para a (re)organização da fala decorrente do fato de que essa modalidade é marcada pelo improviso” (MARTELOTTA et al., 1996, p. 280).

4.2.2 Preenchedores de pausa

Os marcadores discursivos podem ocorrer em contextos de hesitação e de reformulação, que, por um lado, modalizam a informação, marcando insegurança do falante e, por outro, funcionam como artifícios para viabilizar o processamento do discurso. Em alguns contextos, essas hesitações chegam a um ponto tal que o falante necessita de uma pausa para encontrar os termos que melhor expressem as informações que quer transmitir (MARCUSCHI, 1991; MARTELOTTA et al., 1996; SILVA; MACEDO, 1996).

Utilizando um termo de Silva e Macedo (1996), estamos chamando de preenchedores de pausa esses marcadores que preenchem vazios causados pela perda da linha de raciocínio, facilitando a produção do falante, e, ao mesmo tempo,

indicam para o ouvinte a manutenção do turno da fala. O exemplo abaixo ilustra esse uso:

(10) I: (...) eu acho que tudo isso faz parte da vida de hoje que tamo vivendo... e... por último... pra mim... **assim**... satisfação... foi podê voltar e estudar... porque minha mãe não deixava estudá... (...) (Narrativa de experiência recontada, informante 26, Maria Luzia, feminino, 52 anos, EJA – 9º ano do Ens. Fund. II, Campos dos Goytacazes/RJ).

Esse uso tem como particularidade o fato do informante ter tempo para a organização do pensamento no momento da fala e escolher a palavra mais adequada. Abaixo temos o vocábulo “tipo” sendo usado com a mesma função:

(11) I: () além do macarrão... que eu não sei dá a receita... a::... () cê pega a gelatina () dois potinhos::... cê faz a gelatina comum... cê compra creme de leite... duas caixinhas de creme de leite... e compra uma caixinha de leite condensado... deixa ficá... deixa endurecer... depois você pega toda aquela mistura... **tipo**::... a gente... bate no liquidificador... depois... cê retorna pa geladeira () olha só... (Narrativa de experiência recontada, informante 26, Maria Luzia, feminino, 52 anos, EJA – 9º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

A ocorrência do vocábulo “tipo assim” e a recorrência dos artigos indefinidos preenchem o vazio informativo causado pela interrupção do fluxo das informações, que provavelmente é causada pela insegurança na busca de palavras adequadas, como se pode ver no exemplo a seguir:

(12) I: (...) olha a gente quando vai fazer uma faxina... a gente começa::... pelos quarto... né... você tira os forro da cama... você::... tira::... rasta os móvi... entendeu?... depois varre tudim... passa o primero panu... com a água limpa... entendeu?... passa o segundo panu... puque aquela água vai saí suja... passa o segundo panu... com a água limpa tamém... na terceira... você já vai botá uns ingriente **tipo assim**... um::... um::... uma/um veja cherozim::... pra dá um::... um astral na casa... que é aí que vem a... que dá aquele cherinho da limpeza... (...) (Relato de procedimento, informante 22, Creusa, feminino, 51 anos, EJA – 6º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

Abaixo temos um exemplo prototípico do vocábulo “tipo assim” sendo utilizado com a função de preencher uma pausa:

(13) I: pra falá a vedade eu não gosto daqui não... que... **tipo assim**... não tem nada pra você fazê à noite... por exemplo... casa de festa tem pouca casa de festa... não tem uma pracinha maneira... (...) (Relato de opinião, informante 24, Edivaldo, masculino, 17 anos, EJA – 9º ano do Ensino Fundamental II, Campos dos Goytacazes/RJ).

Esse uso tem como particularidade o fato do informante ter tempo para a organização do pensamento no momento da fala para justificar o fato dele falar que não gosta da sua cidade.

Com base nesses exemplos, é possível confirmar que o uso dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” funciona como prática social no cotidiano dos brasileiros. Tendo isso em vista, o professor, na sala de aula, tem a possibilidade de tirar o foco das regras impostas pela gramática tradicional e colocar em prática as propostas dos PCNs em relação ao estudo da oralidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar de que maneira os vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” são utilizados na fala de alunos da rede pública da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ.

Considerando a hipótese de que as gramáticas de orientação tradicional e descritiva não contemplam todos os usos/funções dos vocábulos em estudo, apesar destes assumirem diferentes funções, de acordo com a realidade dos falantes, é possível afirmar que o modo destes se expressarem linguisticamente estão relacionadas às suas intenções comunicativas, modificando a maneira como os indivíduos interagem.

Para a análise dos dados sob uma perspectiva funcional, selecionamos cinco usos dos vocábulos em estudo, a saber: anafórico, catafórico, modalizador e preenchedor de pausa. Observamos que os vocábulos “assim” e “tipo” exerceram, na maioria dos casos, todas as funções categorizadas. Porém, o “tipo assim” teve apenas a função de preenchedor de pausa. A função mais utilizada dos vocábulos em estudo, considerando todos os sujeitos desta pesquisa, foi a de modalizador. Além disso, é importante destacar que todas as noções semânticas categorizadas foram utilizadas pelo menos por um informante de cada grupo.

Sabemos que as regras gramaticais não dão conta do uso da língua, já que seu foco é a linguagem escrita. Porém, o estudo sistematizado da gramática precisa estar relacionado ao uso efetivo da língua, incentivando o aluno a desenvolver conscientemente suas habilidades linguísticas. Além disso, precisa considerar as diferentes condições de produção do discurso para que o aluno conheça e valorize outras variedades linguísticas, sentindo-se estimulado.

Para que isso aconteça, pesquisas que registram, descrevem e analisam sistematicamente os aspectos sociais de uma comunidade de falantes devem ser levadas para a sala de aula, a fim de se compreender a estrutura da língua através da observação, por exemplo, da variedade linguística existente na sociedade e detectar as diferenças entre as camadas socioculturais de discursos.

Esperamos, com esta pesquisa, contribuir para o preenchimento de um vazio existente entre as teorias produzidas na academia e as práticas pedagógicas produzidas na escola, ou seja, entre o pesquisador e o professor, que está na sala de aula vivenciando todos os enfrentamentos que o ensino oferece.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo, Parábola, 2011.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. **Rumos da gramaticalização no português oral do Brasil**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(13\)69-75.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(13)69-75.html)>. Acesso em: 04 nov. 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago, 1991.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **Indivíduo, Sociedade e Língua - Cara, Tipo Assim, Fala Sério!** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

LUQUETTI, Eliana Crispim França (Org.). **A língua falada e escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense**. Núcleo de Estudos Linguagem e Educação. No prelo 2012.

_____; CASTELANO, Karine Lôbo. As trajetórias de mudança dos vocábulos “assim” e “tipo”. **Revista e-escrita**, v. 3, n. 3, p. 42-52, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

_____; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. In: **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-221.

RISSE, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 427-496.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira; MACEDO, Alzira Tavares. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1996.

SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). **Funcionalismo Linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

Sobre os Autores

Autor 1: Doutoranda e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atua como professora de Língua Portuguesa e Metodologia da Pesquisa. E-mail: kcastelano@yahoo.com.br

Autor 2: Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: elinaff@gmail.com